

LA GRANDE ÉCURIE ET LA CHAMBRE DU ROY

DIRECTEUR JEAN-CLAUDE MALGOIRE



EM TORNO DE 1789

(Comemoração do Bicentenário da Revolução Francesa)

ORQUESTRA DE CÂMARA DA FRANÇA

Teatro Castro Mendes
13 de agosto de 1989

A música “clássica” de LeDuc, Mozart, Haydn e Pleyel surgiu e floresceu sob o *Ancien Régime* (Antigo Regime, que precedeu à Revolução Francesa), estreitamente vinculada às classes aristocráticas. O fim do século XVIII não representa apenas uma nova estruturação da sociedade civil, mas também o fim de um capítulo na história da música. A Revolução Francesa de 1789 marca a derrubada do *Ancien Régime* para estabelecer o domínio da nova classe dirigente burguesa. Na música, o fator indicativo da transição é o novo público: a partir de 1760, começam a surgir organizações promotoras de concertos públicos, como os *Concerts Spirituels* dirigidos por LeDuc, e cujas encomendas fomentam a produção musical; a aristocracia perde a função de mecenas que encomenda obras aos artistas.

O programa desta noite passa em revista os principais momentos estilísticos em torno de 1789: em 1788, Mozart termina seu tríptico sinfônico; em 1791, Haydn vai à Inglaterra onde, ao lado de suas doze *Sinfonias Londrinas*, executa a cantata *Arianna em Naxos*; em 1792, Pleyel compõe a série das seis sinfonias concertantes responsáveis pela consolidação do gênero; em Paris, LeDuc dirige o *Concert des Amateurs* e os *Concerts Spirituels*, divulgando a música e estimulando a composição de novas obras.

Herdeiro desta tradição “clássica”, Beethoven desenvolverá as antigas formas até novos limites, conduzindo-as ao “romantismo”. O crítico Julian Rushton define assim o momento: “Com as velhas autocracias em declínio a nação-Estado capitalista entre em ascensão. Como é ao meio social que se destina a música, estas mudanças na ordem social, política e econômica do mundo ocidental inevitavelmente afetaram os músicos e a composição musical. As obras tardias de Beethoven são valiosas para a compreensão da força dessas influências externas”.

V**SIMON LEDUC (1745-1777)**
Sinfonia em Ré Maior

Violinista e compositor francês, foi aluno de Gaviniès. Entra em 1759 para o *Concert Spirituel* e quatro anos mais tarde torna-se violino-solo. Mas não se dedicará à carreira de virtuose, preferindo o ensino e a edição musical. Em 1773, assume, ao lado de Gossec e Gaviniès, a direção do *Concert Spirituel*, organismo criado em 1725 que apresentava anualmente uma série de 24 concertos públicos. As obras de LeDuc são consagradas ao violino e incluem sonatas, duos, trios, três sinfonias e uma *Sinfonia Concertante para Dois Violinos*. Segundo o musicólogo Alain Paris, LeDuc “utilizou todos os recursos do violino empregando uma linguagem efetivamente dirigido para o romantismo, que evoca o *Sturm und Drang* de Carl Phillip Emmanuel Bach”.

E**IGNAZ PLEYEL (1757-1831)**
Sinfonia Concertante para Dois Violinos

Em 1784, escrevendo ao pai, Mozart assim se refere ao compositor austríaco Ignaz Pleyel: “Foram publicados recentemente alguns quartetos de um certo Pleyel. Se você ainda não os conhece, tente obtê-los; verá que valem à pena. São obras muito bem escritas, deliciosas. Você reconhecerá imediatamente quem foi seu mestre. Será uma ventura para a música se Pleyel for capaz, algum dia, de nos substituir Haydn!”

Ignaz Pleyel, regente e compositor em Paris, Viena, Roma, Londres etc., ainda que tenha sido o mais conhecido aluno de Haydn, à exceção de Beethoven, e o único a fazer-lhe concorrência como compositor, não correspondeu plenamente às elevadas expectativas de Mozart. Ainda que tenha alcançado grande sucesso, teve seus limites e preferiu cair no gosto popular da época. Posteriormente, abandonou a composição e dedicou-se à construção de pianos, fundando a célebre firma produtora dos instrumentos que levam seu nome.

A sinfonia concertante apareceu pela primeira vez em 1760, e gozou de intensa popularidade, especialmente em Paris. Trata-se de uma forma instrumental híbrida que reúne elementos da sinfonia e do concerto, em que a orquestra se limita a acompanhar os vários solistas (de dois a sete).

Das seis sinfonias concertantes compostas em Paris por Pleyel, a *Sinfonia Concertante para Dois Violinos e Orquestra em Lá Maior* (B. 114) data de março de 1792.

O**FRANZ-JOSEPH HAYDN (1732-1809)**
Arianna em Naxos

O mito da bela e abandonada Arianna sempre cativou a imaginação dos compositores e foi fonte de inúmeras óperas e cenas teatrais. Não poderia ser diferente; sua lenda é plena de potencialidades dramáticas: Teseu, após matar o temível Minotauro, só pôde escapar do labirinto graças ao novelo de lã que lhe dera Arianna, filha de Minos, tomada de paixão pelo herói. No caminho de volta à Atenas, Teseu abandona Arianna na ilha de Naxos. Só e desolada resta-lhe lamentar sua sina; Monteverdi retrata esta dor de forma sublime em seu “Lamento de Arianna”.

O austríaco Haydn não escapou ao apelo dramático da pobre Arianna. Escrita em Viena mas executada pelo compositor em Londres no ano de 1791, a cantata *Arianna em Naxos* para voz e piano é dotada de uma gama de emoções e estilos comparável à da ópera. Antes, é uma *scena* (cena) *dramatica*, como no século XVIII se denominavam os episódios dramáticos para uma solista, especialmente compostos para concerto. A seguinte nota na partitura descreve a cena como se se tratasse de uma montagem operística: “A ação se desenrola numa ilha cercada por rochedos. Vêem-se a nau de Teseu, que se afasta rapidamente da ilha, e Arianna, adormecida, que desperta pouco a pouco”.

S**WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756-1791)**
Sinfonia n.º 41 (Júpiter)

Segundo a catalogação oficial das obras de Mozart, realizada pela editora Breitkopf e Härtel, o compositor escreveu quarenta e uma sinfonias. As três últimas, compostas em 1788, ilustram a progressiva complexidade no tratamento dado à sinfonia, por Mozart em seus últimos anos. A última sinfonia da extraordinária trilogia final, a de n.º 41, dita *Júpiter*, escrita para flauta, oboés, fagotes, trompas, trompetes, tímpanos e cordas, data de agosto de 1788.

A denominação “Júpiter”, apesar de adequar-se aos ritmos grandiosos que abrem o primeiro movimento, não foi dada por Mozart, mas acrescentada à sinfonia por admiradores ingleses do início do século XIX. Nos países de língua alemã, a obra era conhecida como “a sinfonia que termina por uma fuga”, em função do célebre *finale* e o desenvolvimento “fugato” do motivo de quatro notas. Em verdade não se trata de uma fuga propriamente dita, mas de uma forma sonata com motivos “fugatos”. Os infatigáveis biógrafos e comentadores da obra mozartiana, Wyzewa e Saint-Fox, assim definem a *Júpiter*: “No *finale*, Mozart procurou glorificar a herança do passado (“fuga”), ao incorporá-la ao modernismo da escrita de sua última e maior sinfonia. O resultado nos parece considerável e digno não apenas de Mozart, mas digno de servir de fecho a toda a música sinfônica do século XVIII”.



JEAN-CLAUDE MALGOIRE
oboísta - regente - musicólogo

Jean-Claude Malgoire nasceu em 1940 em Avignon, onde iniciou seus estudos musicais prosseguindo-os mais tarde no Conservatório de Paris. Uma vez formado, dá início a uma brilhante carreira de solista, obtendo vários primeiros prêmios em oboé e música de câmara, entre os quais destaca-se o do Concurso Internacional de Genebra, em 1968.

Sua importante participação nos Festivais Internacionais faz com que Charles Munch o contrate como corne inglês na Orquestra de Paris. Aos poucos torna-se um dos músicos preferidos de Munch, Ozawa e outros. Karajan o considerava insuperável dentro de sua especialidade.

Paralelamente ao desenvolvimento de sua carreira de solista, Malgoire é tomado por uma grande paixão pela música antiga. Esta paixão o fez pesquisar instrumentos e partituras esquecidos, reconstituir instrumentos desaparecidos — um verdadeiro trabalho de musicólogo que o leva à recriação de obras esquecidas, senão perdidas, durante séculos.

Esta atividade o conduziu a criar *La Grande Écurie Et La Chambre Du Roy* em 1966, cuja vocação é a música dos séculos XVII e XVIII, e que leva seu nome do conjunto musical mais conhecido sob o Rei François I. Foi efetivamente este rei que pela primeira vez organizou os músicos da Corte, dividindo-os em dois grupos: “Aqueles que fazem muito ruído” (trombetas e tambores), chamados *La Grande Écurie*, e “aqueles doces de ouvir” (oboés e violinos), por sua vez denominados *La Chambre Du Roy*; estas duas formações, que possuíam funções bem diferentes, reuniam-se por ocasião das festas. Esta divisão persistiu assim até o século XVIII.

É preciso salientar que o trabalho de Malgoire e seus amigos não se limita a uma mera reconstituição histórica. Conseguiram, por exemplo, retirar de Rameau o excesso de sentimentalismo que o tornava algo insípido, para retribuir-lhe toda a sua vivacidade original; libertaram Lully da pompa de Versailles que o afetava em demasia, para restituir-lhe seu autêntico caráter bufo e cadenciado.



LA GRANDE ÉCURIE ET LA CHAMBRE DU ROY
orquestra de câmara



ISABELLE POUPENARD
soprano

Isabelle Poulenard nasceu em Paris, em 1961. Com uma formação acadêmica realizada na Radio de France e na École Nationale d'Art Lyrique de l'Opéra de Paris, de 1972 a 1982, Isabelle começou muito cedo sua carreira profissional.

Já participou inúmeras vezes das produções do Atelier Lyrique de Tourcoing, sob a direção de Jean-Claude Malgoire:

- *Le Roi Theodore à Vienne* de Paisiello, no papel de Lisette
- *Così fan Tutte* de Mozart, no papel de Despina
- *Retour D'Ulysse Dans sa Patrie* de Pirandello, no papel de Minerva
- *Narciso* de Scarlatti, no papel de Procris
- *Judith Triomphante* de Vivaldi, no papel de Vagaus.

Participa de todos os grandes Festivais de Música da Europa: Avignon, La Chaise Dieu, Veneza, Flandres, Innsbruck, Stuttgart, Oxford, Bruges etc., nos quais assume sempre os principais papéis, tendo cantado obras de Vivaldi, Haendel, Bach, Rameau, Lully, Couperin, Purcell etc.

Neste ano, fez parte da inauguração da Ópera de Bastilha.

Em torno de



1789

Regente: Jean-Claude Malgoire

1. Simon LeDuc

Sinfonia em Ré Maior

Grave

Andante

Presto

2. Franz-Joseph Haydn

Arianna em Naxos

Solista: Isabelle-Poulenard (soprano)

Intervalo

3. Ignaz Pleyel

Sinfonia Concertante para Dois Violinos Principais

Sinfonia

Adagio

Rondo

Solistas: Philippe Couvert e Florence Malgoire

4. Wolfgang Amadeus Mozart

Sinfonia K. 551 (Júpiter)

Realização

Prefeitura Municipal de Campinas
Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo

Patrocínio



Apoio

Aliança Francesa